

ESCRITA@.COM: POR UM ENSINO DE LÍNGUA MATERNA CONECTADO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

Tamires Souza Luz; Orientadora: Elizete Maria de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tamytss@hotmail.com; elizetesouzza@gmail.com

Resumo: Na atual sociedade, o universo da escrita está marcado pelo dinamismo, interatividade, rapidez e multiplicidade de recursos que são possibilitados a partir do desenvolvimento das novas tecnologias. *Blogs, e-mails, WhatsApp, e-books, chats, telas, mouses* e teclados fazem parte do dia a dia das crianças nativas digitais que percorrem facilmente os caminhos atrativos das novas mídias. Desta forma, as novas tecnologias reconfiguraram a escrita e impuseram novos conhecimentos ao aprendiz, de forma que, muito além de dominar o código linguístico, apenas, o aluno precisa se apropriar da leitura e da escrita também em ambientes digitais, passando a atuar conscientemente diante das múltiplas formas de linguagens. A escola, portanto, encontra-se hoje diante do desafio do letramento digital, o que exige, conseqüentemente, novas formas de ensinar a escrita. Tal realidade faz emergir os seguintes questionamentos: (a) O ensino-aprendizagem da língua nos anos iniciais do ensino fundamental tem preparado o aluno para a vivência em uma sociedade interconectada? (b) Quais aspectos dificultam a inserção das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) no ensino da escrita? (c) Como as NTIC podem ser utilizadas pela escola para proporcionar a aprendizagem da língua escrita? Assim, este texto tem como objetivo discutir a utilização das novas mídias digitais no ensino da escrita aos alunos do Ciclo da Alfabetização (6 a 9 anos), fundamentando-se nos estudos de Soares (2002), Demo (2007; 2009), Ferrarezi (2014) e Coscarelli (2005; 2016), ao mesmo tempo que apresenta experiências de ensino da língua escrita contextualizada ao universo tecnológico oriundas de pesquisas e práticas educacionais.

Palavras-chave: Escrita; Novas Tecnologias; Letramento Digital.

Introdução

“Um clique e tenho o mundo aos meus pés, este pensamento de Robison Sá, apresenta o contexto atual de leitura e escrita ao qual o aluno está exposto cada vez mais cedo. Na atualidade, a criança faz parte de um universo de uso da língua, permeado por telas, teclados, mouses, e-books, hiperlinks, entre outros. A cada clique uma nova aba, uma nova informação, uma leitura rápida e dinâmica, e uma escrita não linear, como consequência de um novo espaço de comunicação, tal como considera Lévy (1999, p.11), de uma “cibercultura”.

Conforme se observa, o desenvolvimento das novas tecnologias ampliou o universo do aluno, propiciou o acesso aos textos de forma interativa e alterou as relações entre as pessoas, fazendo emergir novas habilidades de escrita. Todavia, o ensino da língua escrita ainda é um dos grandes desafios da escola. Ensinar a ler e a escrever continua a ocupar o centro das discussões que buscam soluções para o fracasso da alfabetização, revelado no grande número de alunos que chegam ao ensino médio com pouco domínio da *lecto* escrita.

Atualmente, diante da velocidade de informações e da ampliação das formas de comunicação escrita que o mundo moderno oferece, novos desafios são impostos à alfabetização.

A comunicação entre as pessoas mudou, os recursos ampliaram e a linguagem está cada vez mais variada, ocasionando um novo contexto para a aprendizagem da língua escrita. A estrutura do mundo moderno requer, portanto, o domínio dos conhecimentos científicos e tecnológicos para que o sujeito possa participar ativamente no meio social.

No entanto, nas práticas escolares atuais, nota-se marcadamente que o ensino da língua escrita, pouco ou nada integra-se ao contexto digital no qual o aluno está inserido, e, na maioria das vezes, promove um ensino da escrita de maneira descontextualizada, muito aquém das inúmeras possibilidades de uso da escrita que o aluno dispõe.

A partir destas questões iniciais, levando em conta os novos desafios impostos à alfabetização, este trabalho tem como objetivo discutir o uso das novas mídias digitais no ensino da escrita aos alunos do 1º ao 3º ano do Ciclo de Alfabetização, com idade entre 6 e 9 anos.

Metodologia

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, tendo como procedimento a pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir dos objetivos específicos: (i) identificar como as novas mídias digitais podem auxiliar o processo de aquisição da escrita; (ii) discutir quais são as dificuldades de integrar a aprendizagem da escrita ao contexto digital; (iii) discutir como a escola pode aliar a tecnologia ao ensino da escrita; (iv) apresentar possibilidades de ensino da escrita utilizando as novas mídias digitais e as formas de comunicação que delas emergem. Sendo assim, comungamos do pensamento de Fonseca (2002), o qual afirma que

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Destarte, o presente estudo buscou reunir contribuições teóricas de autores que estudam e experimentam as possibilidades de uso das mídias digitais na aprendizagem da escrita, com destaque aos estudos do grupo de pesquisa coordenado pela Professora e pesquisadora Dra. Carla Viana Coscarelli (2009 a 2016), assim como as contribuições de Soares (2002), Demo (2009) e Ferrarezi (2014). Utilizou-se, ainda, como fonte de pesquisa, experiências educativas com práticas de alfabetização e

letramento digital publicadas em home pages, sites e revistas eletrônicas.¹

Resultados e Discussões

As novas situações colocadas à leitura e à escrita diante do surgimento de variadas formas de comunicação advindas das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) implicou em mudanças no campo da alfabetização e letramento o que resultou na ampliação de práticas para o leitor/escritor. Atualmente as discussões centram-se nos letramentos (SOARES, 2002) também denominado letramento digital (COSCARELLI, 2005) ou multiletramentos (ROJO, 2012), a partir dos quais emergiram os hipertextos, gêneros digitais, e textos multimodais.

Neste sentido, o ensino da escrita ganha nova dimensão pelas inúmeras possibilidades de acesso rápido e fácil a informação, contexto esse que afeta diretamente o trabalho em sala de aula, trazendo novos desafios às práticas de alfabetização e letramento. Moran (2000, p. 11) ressalta que “Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas.”

Têm sido relevantes os esforços de muitos professores e pesquisadores na tentativa de apresentar alternativas para o ensino da língua vinculado às novas tecnologias, de modo a garantir o letramento digital dos alunos, entre os quais destaco o grupo de pesquisa coordenado pela professora Carla Viana Coscarelli (UFMG). Do mesmo modo, têm emergido práticas de professores que utilizam as novas tecnologias na alfabetização de seus alunos. A partir disso, socializo nesta seção algumas experiências de ensino da escrita como suporte nas NTICs, contextualizadas aos gêneros emergentes, e as novas formas de linguagem.

Criação de memes digitais a partir da leitura de clássicos.

A partir da leitura e discussão em sala de aula dos livros *A volta ao mundo em 80 dias* e *Alice no país das maravilhas*, nas turmas do 1º ao 3º ano, com crianças de 7 a 9 anos, os alunos criaram memes e publicaram na página eletrônica da escola.

¹ A coleta de dados foi realizada no período de maio a agosto de 2016 e organizou em três momentos: (i) visita a páginas eletrônicas de instituições escolares constantes em minha rede social, nas quais foram selecionadas as atividades que atendiam aos interesses deste trabalho; seleção de atividades apresentadas em publicações impressas e eletrônicas utilizadas na pesquisa bibliográfica e, por fim, pesquisa em sites de busca com foco em uso das novas tecnologias no ensino da escrita.

Sabe-se que diante das formas cada vez mais dinâmicas de leitura, que propaga textos curtos e multimodais², para os nativos digitais adaptados a esse contexto é na maioria das vezes pouco atrativo realizar a leitura de um livro clássico. No entanto, na medida em que a escola associa essa leitura a uma prática vivenciada pelo aluno, como os memes digitais, a leitura passa a ser motivadora e o envolvimento dos alunos passa a ser efetivo. Esse tipo de atividade permite o trabalho com os gêneros textuais, e a reflexão sobre o uso da linguagem no meio literário e no meio eletrônico.

Figura 1: Memes Literário



Fonte: Página do Colégio Dom Pedro II no Facebook.³

Escrita colaborativa através do blog

Entre os trabalhos que discutem a integração do ensino ao uso das NTIC, as atividades de escrita a partir de blogs são as mais frequentes, apresentados como forma de estimular e aprimorar a escrita dos alunos. Em estudo desenvolvido por Silva e Pessanha (2012), as autoras concluíram que

O *blog*, como ferramenta digital utilizada para desenvolver a competência de escrita nos alunos faz com que produzam textos espontâneos e com maior liberdade não apenas para o professor, mas para um público maior, o que o fará pensar de maneira mais cuidadosa e ao mesmo tempo, um tanto quando desligada da ideia de obrigatoriedade ao realizar uma atividade escolar proposta. O trabalho com os *blogs* colabora na formação linguística dos seus usuários, pois tende a fazer dos mesmos leitores e autores de textos, sejam verbais, visuais, sonoros ou hipertextuais. (SILVA; PESANHA, 2012, p. 12).

Dessa forma, o blog pode ser utilizado para estimular a escrita utilizando as teclas, mouse e telas, promovendo assim o uso de habilidade diferenciada para escrever, bem como a

² A linguista Roxane Rojo define textos multimodais como aqueles em que interagem diferentes linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades).

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/colegiodompedro/posts/855651311207835>

escrita de hipertextos e a socialização dos textos entre os alunos da turma. A escrita contextualizada ao universo vivo do aluno é estimulante e desafiadora.

Jogos online

Os jogos on-line fazem parte do dia a dia das crianças, uma boa parte do tempo dos nativos digitais é dedicado a variedade de jogos disponíveis na internet. Utilizar essa realidade com fins didático-pedagógicos é integrar o ensino da escrita ao contexto real de uso da língua, de forma interativa e motivadora aos alunos.

Os jogos digitais *online*, elaborados para fins pedagógicos ou não, podem ser considerados ferramentas educacionais para o ensino da leitura e/ou da escrita. Ao contribuírem com a formação de habilidades distintas e específicas enquanto divertem estimulando, levam à construção do conhecimento de forma prazerosa e lúdica. (RIBEIRO, 2016, p. 167)

Ribeiro (2016) apresenta como proposta de jogos a serem incorporados na alfabetização o “CHEFVILLE” e “BRINCANDO COM AS VOGAIS”. Acrescento a esses, os jogos educativos disponíveis nos sites “SMARTKIDS”, “LUDOEDUCATIVO” e “ESCOLADIGITAL”, os quais proporcionam experiência com a escrita de forma lúdica e, portanto, atrativa para as crianças, uma vez que esses jogos promovem associações e reconhecimento de letras e palavras colaborando com a aquisição do sistema de escrita.

Ressalto que há grande variedade de jogos online, bem como está cada vez mais comum os livros didáticos disponibilizarem mídias com atividades digitais. A escolha dos mesmos, entretanto, estará relacionada a proposta didático-pedagógica em questão.

Criação de Jogos

Além da gama de jogos disponíveis na internet, é possível ao educador, criar um jogo específico para atender aos objetivos que pretende alcançar. Um importante suporte ao professor é o JClick – “software de autoria de uso livre, destinado a criar recursos de aplicações didáticas e interativas.” (SEED/PR, 2010, p. 8)

No manual publicado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR, 2010) são apresentadas as técnicas para instalação e utilização do aplicativo JClick, a partir do qual o professor tem disponível diferentes opções para criação de jogos em as áreas do conhecimento, propiciando aos alunos atividades dinâmicas e interativas.

Página do Projeto Redigir

O projeto Redigir da Letras/UFMG, oferece em sua página eletrônica, jogos e atividades de leitura e produção de textos que possam ser aplicadas por professores do ensino fundamental e médio, em suas salas de aula, o projeto é coordenado pela Professora Carla Coscarelli e apresentam link específico para atividades voltadas ao letramento digital. As informações podem ser acessadas no endereço eletrônico (<https://sites.google.com/site/redigirufmg/>), no qual são apresentadas diversas atividades que podem ser editadas pelos professores, adequando-se a realidade de cada sala de aula. Como exemplo das atividades apresentadas, cito a *twittando*, *fake* e *meme*, atividades de leitura e escrita que integram aspectos usuais na vida do aluno, como as redes sociais, para estimular a aprendizagem.

A escrita através de recursos do computador

Utilizar o computador como ferramenta para a escrita abre um leque de possibilidades a aprendizagem, a escrita nas telas ou teclas, o uso de corretor ortográfico, a criação de links, os recursos de edição e a variedade de comandos que o escritor tem a sua disposição para criação do seu texto.

O uso do *word*, *paint*, *excel* e *powerpoint*, bem como programas de vídeo e áudio, permitem a escrita em diferentes situações e estimulam o aluno a utilização de amplos recursos, convivendo e aprendendo desde cedo as diferentes formas de uso da escrita.

Em pesquisa sobre alfabetização em contextos digitais, Alves *et al* (2013, p.9) realizaram com os alunos do ensino fundamental I, diferentes atividades utilizando as novas mídias digitais, as autoras constataram que o uso das tecnologias digitais favorece o processo de letramento a medida que possibilita o uso social da escrita pelos usuários. O resultado da pesquisa também apresentou “comprovação de que as práticas de alfabetização digital podem, em vista de sua funcionalidade, operar como um importante instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa.” (ALVES et al 2013, p.9)

Gêneros digitais

O trabalho com gêneros textuais é comum nas aulas de Português, bem como a perpetuação dos mesmos gêneros a serem estudados. Sabe-se que com o advento das novas tecnologias outros gêneros emergiram e são utilizados com maior frequência no dia a dia dos alunos.

Marcuschi e Xavier (2002) denominam esses gêneros textuais emergentes a partir do contexto da tecnologia em ambientes virtuais, como gêneros digitais ou virtuais.

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (MARCUSCHI, 2002, p. 21)

Nota-se, no entanto, que é bastante sutil a presença dos gêneros digitais em sala de aula. Entre a variedade existente, o que pode ser encontrado é o e-mail, ainda assim, explorado superficialmente. Os posts de facebook, profile, chat, fóruns, cartões digitais e memes são marcas registradas no dia a dia dos alunos, esses novos gêneros integram textos curtos e multimodais e uma linguagem expressada em hashtags, emoções, onomatopéias, imagens, símbolos e abreviações.

A configuração que a escrita apresenta nesses novos gêneros é um grande desafio à escola no ensino da norma padrão, já que essa forma de linguagem é cada vez mais usual e tida por alguns como prejuízo à linguística. De certo, desconsiderá-la, manter-se às cegas não é o caminho para superar os desafios. Ferrarezi (2014) reforça que “o aluno precisa reconhecer que todos os “pq”, os “blz” e os “vc” que ele usa para se comunicar com os amigos na net, são tão importantes e têm um valor prático muito grande”.

Em trabalho com os gêneros digitais na alfabetização, Araújo (2007) concluiu que os mesmos trouxeram mais significado para as crianças na aprendizagem da leitura e da escrita, desenvolvendo diferentes habilidades do meio virtual. Em relação a produção de cartões virtuais o autor relata que

Nenhum cartão é feito sem que o remetente se submeta a um processo de escolhas através dos quais ele gera sua mensagem. Assim, a criança, imersa entre muitos cliques de mouse e digitações de caracteres, assume o seu papel de sujeito nessa nova experiência de escrita, experimentando o uso da língua a partir de uma situação de enunciação digital. Além de operar com o mouse e com o teclado, pondo o cursor no formulário certo antes de escrever o que lhe é solicitado, o pequeno escritor precisava equacionar as várias semioses que, inscritas na tela digital, conspiravam em favor do sentido que ele pretendia construir. (ARAÚJO, 2007, p. 87)

Diante de todas as possibilidades apresentadas, é importante salientar que, na efetivação do letramento digital na escola, esbarramos em alguns problemas, notadamente evidenciados no modelo educacional brasileiro que ainda insiste em uma escola desconexa, que historicamente privilegiou uma determinada cultura, conhecimentos e linguagens, sendo resistente às manifestações linguísticas que fogem ao padrão da norma culta, e, portanto, persiste no ensino descontextualizado da escrita.

Outro aspecto importante que faz parte desta realidade é que existe uma dificuldade de muitos professores em utilizar as novas mídias, já que fizeram parte de um contexto de ensino pautado na cultura do livro, lápis e papel, considerando, ainda, que muitos professores são ‘imigrantes, não nativos’, perante o uso das novas tecnologias, conforme aponta Demo (2009, p.67). A mudança deve ser, portanto, um processo contínuo de formação, aprendizagem e principalmente da concepção por parte do educador, e embora seja demasiadamente desafiadora, os avanços e mudanças se fazem necessários. Segundo Moran (2007), ensinar utilizando a tecnologia

[...] exige mais dedicação do professor, mais apoio de uma equipe técnico-pedagógica, mais tempo de preparação. ... O que muda então no papel do professor? Muda a relação de espaço, tempo e comunicação com os alunos. ...é um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante que exige atenção, sensibilidade, intuição e domínio tecnológico. (MORAN, 2007, p. 118)

Os entraves também estão no contexto de trabalho do professor, que envolve uma carga horária extensa, baixo reconhecimento salarial e pouco investimento na formação continuada, potencializado pela realidade das escolas com salas de aulas lotadas, ausência de equipe multiprofissional, estrutura física escassa, material pedagógico restrito. A estrutura, organização e materiais pedagógicos disponíveis na escola ainda são poucos favoráveis a inserção das NTICs ao ensino.

Conclusão

Conforme vimos ao longo deste estudo, a necessidade de integração e interação entre a alfabetização e as novas tecnologias tem sido apontada por vários estudiosos: Soares (2002); Demo (2007; 2009); Ferrarezi (2014); Coscarelli (2005; 2016), entre outros, trazendo à tona a necessidade de mudança na dinâmica escolar, a fim de buscar associar cada vez mais as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais ao universo do aluno.

Todavia, nas práticas escolares cotidianas, essa integração acontece de forma muito tímida e, na maioria das vezes, quando utilizada é ainda pouco explorada. Em geral, as NTICs são utilizadas apenas como suporte ou simplesmente como ferramentas, sendo o computador e o data show encontrados comumente nas escolas para exibir um vídeo ou *slide*, apenas. Os mesmos encontram-se nas salas de aula, mas de maneira muito distante dos alunos, sendo, muitas vezes, restrito ao uso ao professor como instrumento de ensino, e, portanto, pouco útil a efetiva aprendizagem do aluno. De fato, as novas tecnologias invadiram o universo do aluno, mas encontram-se, ainda, muito distantes das práticas pedagógicas da escola.

As experiências com ensino da língua apresentadas neste trabalho demonstraram que o ensino da escrita se tornou muito mais significativo aos alunos quando integrado ao universo digital, resultando em um grande envolvimento, motivação e aprendizagem.

Sabemos que muito além do que foi exposto nesse texto, são amplas as possibilidades de inserir o ensino da escrita ao contexto das novas mídias na rotina da sala de aula, com pequenas ações, o professor pode estimular o aluno a práticas de escrita, a exemplo: a) Os momentos diários de leitura podem ser diversificados tanto quanto aos tipos de gêneros e aos tipos de recursos, inserir a leitura e escrita de e-mail, utilizar vídeos, slides, e-books; b) A produção textual para além do papel, com criação de vídeos individuais ou coletivos favorecem a produção de texto oral, mobilizando outras habilidades e estimulando a imaginação, criatividade e oralidade da criança; c) A criação de histórias em quadrinhos, charges e cartum podem se tornar bem mais atrativas a partir das animações disponíveis nos recursos do computador; d) Explorar a produção e compartilhamento de textos em redes sociais; e) Incentivar a escrita nas telas e teclados, mobilizando as habilidades e conhecimentos necessários a escrita digital; f) Aliar o uso de softwares na execução das atividades, a exemplo do *Word* para edição de textos, *Excel* para criação de tabelas e o *Paint* para criar ilustrações.

De certo, tudo que foi exposto implica um processo amplo de reflexão, pesquisas e discussões. Sabemos que, no dia a dia da sala de aula, as dúvidas, inseguranças e dificuldades são inúmeras. Um aspecto importante a ser considerado e muito evidente entre os educadores é o questionamento *por onde/como começar?* Sugiro: é preciso antes de tudo conhecer, aprender sobre essa nova realidade à qual estamos expostos e pouco acostumados. Coscarelli (2009) enfatiza outro aspecto importante a ser considerado na prática do letramento digital

É preciso conhecer ou dominar o impresso antes de ir para o digital? Talvez seja o caso de repensarmos a direção da aprendizagem. Pode ser que em pouco tempo os alunos estejam tão familiarizados com os ambientes digitais que seja melhor começar por eles para chegarmos ao impresso. Essa é uma possibilidade que não podemos deixar de considerar e para a qual precisamos nos preparar. Daí a importância de o professor se enfronhar neste mundo digital, conhecendo seus recursos, seus gêneros, suas linguagens e seu potencial, a fim de que possa usá-los ou explorá-los em suas atividades profissionais. (COSCARELLI, 2009, p. 561)

Enfim, é muito importante que a proposta pedagógica seja implementada de maneira coerente com a realidade do ambiente escolar e contextualizada à necessidade do aluno. Ensinar o aluno a escrever não é moldá-lo ao uso da *gramatiquisse*, é antes de mais nada prepará-lo para o uso efetivo das diversas formas de escrita em diferentes situações de

comunicação. Assim, o aluno será capaz de compreender não somente a linguagem do “internetês”, tais como os “pq”, “blz” e “vc”, como também será capaz de escrever todos os “porquês”, os “belezas” e os “vocês” em um texto de acordo com a Norma Culta.

Referências

ALVES, Vanessa Santos. SILVA, Bruna Fernandes. SANTOS, Fernanda Maria. **Alfabetização em contextos digitais: dificuldades, avanços e desafios.** *Anais Fiped V* (2013) - Vol 1, n 2. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinse_rito_954_3a695ccfcef6d3e58081a2aa7fcdc287.pdf. Acesso em: 28. Set. 2016.

ARAÚJO, Júlio César. **Os Gêneros Digitais e os desafios de Alfabetizar Letrando.** Campinas, 46 (1): 79-92, Jan/Jun.2007.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. **Aprendizado em ambientes digitais.** Programa - Extra-classe. Entrevista concedida a Denilson Cajazeiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B5DIk1_QWzs&feature=youtu.be.

_____. **Tecnologias para aprender.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. **Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio.** *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v.9, n.3, p.549 – 564. Set/Dez:2009.

DEMO, Pedro. **Alfabetização: desafios da nova mídia.** *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 543-564, out./dez. 2007.

DEMO, Pedro. **Aprendizagens e Novas Tecnologias.** *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física* – Vol. 1, n. 1, p. 53-75, Agosto/2009.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Pedagogia do Silenciamento: a escola brasileira e o ensino da língua materna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de sentido.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. (Orgs.) *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* 10.ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações.** In: COSCARELLI, Carla Viana (org) *Tecnologias para aprender.* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. **Manual para uso do JClic.** CURITIBA: SEED/PR, 2010. Disponível em: https://clic.xtec.cat/docs/guia_JClic_br.pdf. Acesso em: 22. Set. 2016.

SILVA, Solimar Patriota. PESSANHA, Ana Paula Bahia. **A produção textual e as novas tecnologias: o uso de blogs para a escrita colaborativa.** *Revista Escrita*, n.15, 2012. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20856/20856.PDF>. Acesso em 12. Ago. 2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** *Educ. Soc.* Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

VALENTE, José Armando. **Uso da internet em sala de aula.** *Educar.* Curitiba, n. 19, p. 131-146. 2002. Editora da UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n19/n19a10.pdf>. Acesso em 10. Jul. 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. **Letramento digital e ensino.** Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 20. Ago. 2016.